

MÓIN-MÓIN

REVISTA DE ESTUDOS SOBRE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS:
TEATRO DE ANIMAÇÃO, ECOLOGIA E SUSTENTABILIDADE
Florianópolis, v. 2, n. 25, p. 10 - 23, dez. 2021.
E - ISSN: 2595.0347

“Um planeta feito de lágrimas e montes de sucata”

Fabiana Lazzari

Universidade de Brasília - UnB (Brasília, Brasil)

Liliana Pérez Recio

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (Florianópolis, Brasil/Cuba)

Paulo Balardim

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (Florianópolis, Brasil)



Figura 1 – Foto do espetáculo *Separar é a lei* (2012),
Cia. de teatro Entre Linhas (Novo Hamburgo/RS). Ator: Antônio Reck. Foto: Alice Ribeiro

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2595034702252021010>

“Um planeta feito de lágrimas e montes de sucata”¹

Fabiana Lazzari²

Liliana Pérez Recio³

Paulo Balardim⁴

Resumo: O texto apresenta a edição nº 25 da Móin-Móin - Revista de Estudos Sobre Teatro de Formas Animadas, com o tema Teatro de Animação, ecologia e sustentabilidade. Para tanto, levanta inquietações que subsidiaram as questões lançadas como provocação aos autores desta chamada.

Palavras-chave: Revista Móin-Móin; Teatro de Animação; ecologia; sustentabilidade.

“A planet made of tears and piles of scrap”

Abstract: The text presents issue no. 25 of Móin-Móin Magazine - Studies in the Arts of Puppetry, with the theme Puppetry, Ecology and Sustainability. To do so, it raises concerns that supported the questions launched as a provocation to the authors of this call.

Keywords: Móin-Móin Magazine; Puppetry; ecology; sustainability.

¹ Data de submissão do artigo: 16/12/2021. | Data de aprovação do artigo: 17/12/2021.

² Professora Adjunta do Departamento de Artes Cênicas-CEN e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas-PPGCEN, do Instituto de Artes-IdA, da Universidade de Brasília - UnB. Coordena o Projeto de Extensão de Ação Continuada LATA-Laboratório de Teatro de Formas Animadas e do Grupo de Pesquisa vinculado ao CNPq-LATA/UnB. Doutora e Mestre em Teatro pelo Programa de Pós-Graduação em Teatro-PPGT, da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC. Licenciada em Educação Artística-Habilitação em Artes Cênicas (UDESC). Bacharel em Educação Física (UDESC). Atriz, Sombrista, Arte-educadora, Gestora e Produtora Cultural e fundadora da entreAberta Cia Teatral e do SKIA-Espaço da Sombra. (E-mail: fabianalazzari@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2757-2087>)

³ Diretora Teatral, atriz, Bacharel em Teatro pelo *Instituto Superior de Arte* (2000) de Havana, Cuba. Integrou o elenco do *Teatro Nacional de Guiñol* durante nove anos. Trabalhou como atriz no cinema, rádio e televisão em Cuba. Fundou *El Arca Teatro Museo de Títeres* (2010) em Havana. Em 2017 ingressou no Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC com doutorado em curso. (E-mail: bastianybastiane@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3768-9599>)

⁴ Professor Associado na área de Prática Teatral-Teatro de Animação, no Departamento de Artes Cênicas e no Programa de Pós-Graduação em Teatro do Centro de Artes-CEART da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC. Coordena o Programa de Extensão Formação Profissional no Teatro Catarinense. Pós-Doutorado em Teatro de Animação (Université Paul Valéry-Montpellier III), Doutor (PPGT/UDESC) e Mestre (PPGAC/UFRGS) em Artes Cênicas, Licenciado em Letras-Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (ULBRA). (E-mail: paulobalardim@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2586-2630>)

O termo “ecologia”, derivado do grego *oikos*, que significa casa, e *logos*, estudo ou conhecimento, foi sedimentado a partir dos estudos de Ernest Heinrich Haeckel, em 1866, em sua obra *Generelle Morphologie der Organismen*. (BARBOSA e SILVEIRA, 2018, p.2).

A partir de então, a palavra “ecologia” passou a significar a ciência que estuda as relações entre os seres vivos e seu habitat, o meio ambiente. Mas o conteúdo estudado na Ecologia, mesmo antes dela ter tido esse nome, já havia sido objeto de estudo de outros cientistas, dentre eles, Alexander von Humboldt (1769-1859), o qual passou a estudar disciplinas conjuntamente no intuito de unir a natureza” e Karl Möbius (1825-1908), quem desenvolveu o termo “biocenose” (hoje mais conhecido como “comunidade ecológica”. E, depois de Haeckel, muito ainda evoluiu - com o incremento de novas teorias - até chegarmos ao estudo da atual Ecologia.⁵ O termo ecologia, desde sua origem, já nos assinala uma abordagem epistêmica para observar o mundo como uma complexa rede. Para isso, apresenta, por meio de uma leitura interdisciplinar, uma perspectiva biológica que atinge nossos fazeres políticos, econômicos e sociais.

O tema desta edição da revista Móin-Móin surge como angústia frente ao crescente problema de nossa ingerência sobre o planeta que habitamos, ou, aquilo que o cientista holandês Paul Crutzen chamou de “antropoceno”, a época em que a atividade humana modifica mais intensamente o planeta Terra.⁶ Diante de um iminente colapso que se anuncia, fruto de contínuas e desenfreadas interferências perniciosas em nosso meio ambiente, propomos refletir sobre a arte e sobre valores para nossa sobrevivência.

No poema *Homens do Futuro*, José Gomes Ferreira, escritor e poeta português (1900-1985), faz uma crítica ácida à sociedade de consumo e à degradação irrefreável do planeta, lançando alerta sobre um provável futuro:

⁵ Fonte: <https://www.speco.pt/pt/recursos/pedagogicos/os-pais-da-ecologia>. Acesso em 17/12/2021.

⁶ Fonte: <https://epoca.oglobo.globo.com/colunas-e-blogs/blog-do-planeta/noticia/2015/12/o-que-e-o-antropoceno-epoca-em-que-os-humanos-tomam-controle-do-planeta.html>. Acesso em 17/12/2021.

(...)

Fora, fora tudo o que amoleça de afrodites
a teima das nossas garras
curvas de futuro!

Fora! Fora! Fora! Fora!

Deixem-nos o planeta descarnado e áspero
para vermos bem os esqueletos de tudo, até das nuvens.
Deixem-nos um planeta sem vales rumorosos de ecos úmidos
nem mulheres de flores nas planícies estendidas.
Uma planeta feito de lágrimas e montes de sucata
com morcegos a trazerem nas asas a penumbra das tocas.
E estrelas que rompem do ferro fundente dos fornos!
E cavalos negros nas nuvens de fumo das fábricas!
E flores de punhos cerrados das multidões em alma!
E barracões, e velas, e vícios, e escravos
a suarem um simulacro de vida
entre bolor, fome, mãos de súplica e cadáveres,
montes de cadáveres, milhões de cadáveres, silêncios de cadáveres
e pedras!

Deixem-nos um planeta sem árvores de estrelas
a nós os poetas que estrangulamos os pássaros
para ouvirmos mais alto o silêncio dos homens
— terríveis, à espera, na sombra do chão
sujo da nossa morte.⁷

O “grito poético” deste autor português traz a crença na força transformadora das metáforas. O eco terrível de suas palavras sacode nosso “silêncio” e alerta o trágico destino de “um planeta sem árvores de estrelas”. Somos, nesse momento, os habitantes do futuro aos quais o poema se dirige: Decisões políticas estão sendo tomadas, ou omitidas, a todo segundo. Decisões que afetam profundamente nosso presente. E, no entanto, ainda parecem insuficientes os esforços para mudar esse panorama, quando constatamos que muitas ações não parecem coerentes com os discursos.

Rememoramos aqui uma importante questão para a qual devemos estar atentos: a iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU), adotada em setembro de 2015, que firma o compromisso de 193 países (incluindo o Brasil) em buscar estratégias para o desenvolvimento sustentável - a Agenda 2030. Para isso, estabelece 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) – os quais integram a resolução 70/1 da Assembleia Geral das Nações Unidas. Esses

⁷ Fonte: <https://www.escritas.org/pt/t/6523/homens-do-futuro>. Acesso em 8/12/2021.

objetivos estabelecem 169 metas de ação global para os próximos nove anos, na expectativa de atingir um mundo mais justo, digno, inclusivo e sustentável. As metas se baseiam no equilíbrio entre cinco princípios: pessoas, planeta, paz, parceria e prosperidade.⁸ São os ODSs:

1. Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares.
2. Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável.
3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.
4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.
5. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.
6. Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos.
7. Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos.
8. Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos.
9. Construir infraestruturas robustas, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.
10. Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles.
11. Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resistentes e sustentáveis.
12. Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis.
13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos.
14. Conservar e usar sustentavelmente os oceanos, os mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.

⁸ Fonte: <https://odsbrasil.gov.br/home/agenda>. Acesso em 13/12/2021.

15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade.
16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.
17. Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.⁹

Em efeito, os objetivos propõem mudanças substanciais e necessárias e esperamos que as grandes corporações estejam dispostas a renunciarem projetos lucrativos e tóxicos ou, ao menos, investirem em novas tecnologias e conhecimentos que possibilitem o câmbio dos atuais modelos negociais. O poder público, nesse aspecto, parece ser a maior força para vigiar e exigir transformações, bem como para vigiar qualquer atentado a essas metas.

A degradação da natureza e a mudança climática devem ser pautas urgentes para as políticas econômicas e sociais (sim, já sabemos disso!). Essas pautas, ratificamos, não apenas servem para preservar o meio, mas todos os seres que nele habitam. A exemplo do descompasso entre discurso e ações, dentre tantos descasos, podemos citar as predatórias ações de extrativismo no Acre, em território Yanomami, que, recentemente, causaram irreparáveis danos, dentre eles, a morte de duas crianças. Essas ações, que são sistêmicas, não apenas se constituem como ilegais, criminosas, mas também demonstram o desrespeito e preconceito contra a sociedade indígena¹⁰. Urge, no Brasil, imediata mudança de paradigma relacional que confira o devido *status* aos

⁹ Fonte: <https://www.gov.br/mre/pt-br/arquivos/documentos/clima/20160119ODS.pdf>. Acesso em 13/12/2021.

¹⁰ O caso aqui relatado ganhou visibilidade no jornal *El País*, de 15/10/2021 (<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-16/duas-criancas-yanomami-mortas-por-uma-draga-de-exploracao-ilegal-de-minerio-diante-da-omissao-do-governo.html>). Acesso em 13/12/2021). Segundo afirmação do Conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami e Ye’Kuana (Condisi-YY), apresentada no jornal, “a situação exposta é gravíssima e deixa explícita a negligência do Governo com os povos Yanomami que vivem à mercê dos invasores”. Também pode ser vista uma discussão sobre o caso no canal *Meteoro Brasil* (<https://www.youtube.com/watch?v=VuknxWbLzng>). Acesso em 13/12/2021). O canal apresenta trechos da sessão ocorrida na Câmara dos Deputados com a Comissão de Direitos Humanos.

povos originários para que, com eles, possa-se intercambiar conhecimentos ancestrais no intuito de, talvez, aprendermos a não mais explorar a natureza, mas compartilhar com ela (apenas para recapitular: o Brasil assinou o acordo da Agenda 2030!). Portanto, não há como falar de ecologia sem falar em política e relações sociais.

Ailton Krenak (2018, s.p.) afirma que “ecologia, para quem vive em uma floresta, é floresta viva a respirar e a inspirar: a vida da floresta é o suporte para a materialidade e a espiritualidade da existência, da cultura e da produção/reprodução da subsistência”. O ambientalista, escritor e ativista indígena também ensina que “essa existência comum entre sujeitos coletivos e o lugar é desgarrada da Terra pela violência colonial, um processo político e marcado pela relação assimétrica de poder que caracteriza a expansão/conquista do capitalismo”. Krenak (idem), em diálogo com Boaventura de Souza Santos¹¹, também reflete que:

o sujeito individualizado resulta do desmembramento do humano da relação com o lugar como suporte da vida. A ecologia política, pela epistemologia contra-hegemônica que propomos, é um projeto que reconstrói essa relação entre sujeitos coletivos e a existência orgânica em comum [...] a ideia da natureza separada dos sujeitos coletivos é resultado dessa violência colonial abissal, como um desequilíbrio ecológico.

Com efeito, preocupações dessa ordem podem ser identificadas em representações, contestações ou outras ações advindas da percepção da exploração dos recursos naturais, do curto ciclo de vida dos produtos, da poluição, do desmatamento, das transformações genéticas e do consumismo, já que a arte também é afetada pelos efeitos que temos vivido em razão de nossa atuação sobre o planeta. A arte possui a capacidade de trazer à tona diversos aspectos que envolvem essa relação: a experiência estética que nos perpassa pela obra artística é capaz de relativizar nosso lugar no mundo e propor questionamentos ou reflexões sobre nosso comportamento. Mas como isso pode ocorrer? Segundo Peter Hill, para Raymond Williams, nas décadas finais do

¹¹ Boaventura de Souza Santos escreve sobre a violência colonial abissal no livro *Descolonizar o Saber, Reinventar o Poder*, 2010.

século XX, os apelos ecologistas seriam percebidos como ingênuos ao almejarem soluções dentro das estruturas de poder existentes no ocidente (HILL, 2021, s. p.). Então, de que forma pode/deve se relacionar o fazer dos teatrístas animadores com as estruturas dominantes perante as disfunções ecológicas? Um possível caminho para isso talvez seja por meio do entendimento do conceito de “estruturas de sentimento” formulado por Raymond Williams¹². O intelectual o descreveu como sendo “o processo de incorporação social e cultural, de acordo com o qual algo mais do que a simples propriedade ou poder mantém as estruturas da sociedade capitalista” (WILLIAMS, 2014, p.111). Na sequência, ao descrever o mecanismo operacional das “estruturas de sentimento”, o teórico afirma que

(...) o predomínio essencial de uma classe particular na sociedade não se mantinha somente, embora se necessário, pela força, e não somente, embora sempre presente, pela propriedade. Mantinha-se também, e inevitavelmente, por uma cultura vivida: essa saturação de hábitos, de experiências, de perspectivas desde a mais terna idade e permanentemente renovada em vários estágios da vida, sob pressões definidas e dentro de limites definidos de tal forma que o que as pessoas venham a pensar e a sentir representem ampla medida uma reprodução da ordem social profundamente arraigada, a que pensam se opor em certos aspectos e a que de fato realmente se opõem. (WILLIAMS, 2014, p.111)

Sendo a cultura, indicada por Williams, o campo onde se afiançam os modelos segundo os quais nos relacionamos e perpetuamos as hegemonias, infere-se que é pela arte que nos cabe criar nossas resistências.

Assim, tal como observou Williams em relação à falsa perspectiva de que “aumentar a produção” seria a única forma de superar a pobreza, nas décadas finais do século XX e nas que já temos percorrido do século XXI, somos testemunhas de como, conforme Hill (2021, s. p.), o conformismo que não aquilata as consequências ecológicas tem conduzido a gerar as condições da própria pobreza e desemprego. Que temos feito como categoria em relação às

¹² Segundo Peter Hill (2021, s.p.), Raymond Williams foi um dos primeiros a propor a necessidade de uma “convergência” transformadora entre os movimentos ecológicos e socialistas como chave para enfrentar as crises atuais e futuras.

formas de contratação, de subvenção de nosso trabalho para além do produto cultural como mercadoria?

Junto à crítica sobre o extrativismo, Williams se deteve na importância do território e da comunidade. Nesse sentido, pensemos o alcance e abrangência do trabalho do bonequeiro com/na/para a comunidade. A condição itinerante do bonequeiro, que transita gerando poros nas fronteiras políticas, geográficas e culturais, carrega potências que poderiam contribuir para explorar “novas formas de sociedades variáveis, (...) nas quais se desenvolveriam, em distintas escalas, diferentes formas de interação e decisão democráticas”¹³ (WILLIAMS *apud* HILL, 2021. Tradução nossa).

Enquanto arte relacional, capaz de mobilizar a coletividade, o teatro de animação tem um campo de ação iniludível. Desta forma, aquilo que escapa ao imperativo da produção seria o cuidado, e este impacta toda a esfera social nas formas de usufruir a experiência artística desde a acessibilidade até a participação. Para alcançá-lo, haveria de se superar a orientação à produção, a qual “terminava concebendo as pessoas e a natureza como ‘matérias primas’ a serem exploradas” (WILLIAMS *apud* HILL, 2021. Tradução nossa)¹⁴. A alternativa por ele proposta supõe botar em foco a manutenção da vida, por consequência, um modo de viver. E o trabalho do bonequeiro não tem sido, no decorrer dos séculos, um modo outro de viver, de ser e estar no mundo? O que podemos resgatar dessas práticas de viver o teatro como fonte de possibilidades outras?

A comunidade de artistas de Teatro de Animação, por exemplo, muito em razão dos fortes laços que se estabelecem dentro das associações (tais como a *Union Internationale de la Marionnette* – UNIMA e da Associação Brasileira de

¹³ “Explorar nuevas formas de sociedades variables. (...) en las que se desarrollarían, a distintas escalas, diferentes formas de interacción y decisión democráticas.”

¹⁴ Reproduzimos o trecho que contextualiza a citação: “En última instancia, la orientación hacia la producción terminaba concibiendo a las personas y a la naturaleza como ‘materias primas’ a ser explotadas. Aun cuando los regímenes moldeados en función del socialismo de Estado, o los movimientos obreros, intentaban desacoplar la producción de las ganancias, seguían tratando a la ‘naturaleza’ como algo que debía ser dominado (y, a fin de cuentas, terminaron concibiendo del mismo modo a las personas). Un ecosocialismo verdadero requeriría ‘cambiar radicalmente (...) la idea misma de producción’, tanto en lo que concierne a las relaciones entre los seres humanos como entre ellos y naturaleza.” (WILLIAMS *apud* HILL, 2021.)

Teatro e Bonecos - ABTB, por exemplo), costuma efetuar parcerias sem limites de fronteiras, tecendo elos pessoais e profissionais. Esses inúmeros intercâmbios permitem a impregnação de diferentes culturas e conhecimentos, enriquecendo a pluralidade de visões sobre a arte e sobre o mundo. Dessa forma, funda-se um patrimônio comum que abre a possibilidade de redimensionar a realidade e o agir sobre ela. Não é também esse o sentido da ecologia nas relações, imbuir-se desse sentimento de irmandade e pertencimento que nos une aos outros, suas culturas e seus lugares? Essa parece ser uma das inteligências que nos conecta verdadeiramente e oferece uma chave sobre quais valores éticos seguir.

Com base nessas questões, percebemos que os temas da ecologia e da sustentabilidade surgem em várias produções de teatro de bonecos, como conteúdo pedagógico e sensibilização às crianças. Mas, para além do tema incorporado na fábula dos espetáculos, como o artista pode refletir e desenvolver essas questões em suas práticas criativas cotidianas? Será que uma percepção ecológica é capaz de servir como base filosófica para o teatro de animação? Como pensar o material, sua funcionalidade, durabilidade e seu impacto na natureza a partir de uma perspectiva artística consciente? Quais estratégias adotar para uma conservação ecológica do acervo material? De que forma o teatro de animação pode ser influenciado por essas preocupações e pensar, realizar e influenciar novas posturas? Quais projetos (de artistas, de companhias ou de instituições) vem sendo pensados, com o intuito de relacionar arte, sociedade e meio ambiente? Como o teatro de animação tem se relacionado com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)? Como gerar ideias e provocar diálogos que afetem o público? Neste aspecto, de que modo nossos projetos culturais podem colaborar para repensar as relações sociais e como utilizá-los para problematizar um novo modelo de mundo? Como a cultura, a educação, a economia e a ecologia podem agir, de forma indissociável e efetiva? Qual a natureza que devem assumir os projetos artísticos e de que forma os concretizar? Seria possível desenvolver a cultura como “co-construção” de um conhecimento mútuo, que ajude a criar um novo modelo de mundo, um novo modelo de relações sociais que repensem a lógica econômica? Concernente à

arte da animação teatral contemporânea, como essa prática artística pode colaborar para a conscientização e para o ativismo? Qual seu papel? Qual seu potencial?

Nos artigos que integram o dossiê temático da *Revista Móin-Móin* nº 25, muitas dessas dúvidas serviram de suporte para a reflexão dos autores. **Julie Sermon** (FRA) desenvolve a questão de como as artes podem contribuir propiciando condições simbólicas para construção de novos paradigmas em conexão com a ecologia. Para isso, ela apresenta três caminhos possíveis de articulação no teatro: o tema desenvolvido, os processos e os modos de produção e o caminho estético ou “ecopoético”; **Flávia D’Ávila e Kely de Castro** (BRA) cruzam o teatro de objetos com a sociedade de consumo, numa análise de como a condição humana vai se transformando em mercadoria na sociedade capitalista e de como essa situação surge nas metáforas do teatro de animação; **Vitor Ribeiro, Flávio da Conceição e Joaquim Kaxinawa** (BRA) trazem um relato de experiência vivenciada com o povo Huni kuĩ, no Acre, numa troca de saberes oriunda da presença do teatro de João Redondo e do teatro de Lambe-Lambe na floresta; **Daniel Ducato** (BRA) apresenta a pesquisa e os processos que permearam a concepção, a confecção e o experimento cênico do espetáculo *O Gigante e o Dragão* destacando a reciclagem, a reutilização e a ressignificação de diversos materiais, no intuito de se criar linguagens expressivas; **Ernesto Franco** (URU) também relata seu processo de pesquisa e montagem do espetáculo *Agua: el tesoro del humedal*, trazendo alguns apontamentos sobre o desenvolvimento de uma arte “ecocênica”, buscando práticas artísticas sustentáveis; **Vanessa Dias** (BRA) nos traz sua experiência na construção da dramaturgia para o filme *Os Invisíveis*, o qual trata da catástrofe climática ocorrida na região Serrana do Rio de Janeiro em 2011. Para isso, descreve o uso do teatro de objetos documental no processo; **Zofia Zmolarska** (POL) discute horizontalidade no trabalho ao denunciar uma situação de extinção de determinada categoria profissional, ocasionada pela falta de incentivos. Nessa chave, Zofia observa o caso a partir da ótica de uma antropologia da comunidade teatral e aponta problemas que são comuns aos modos de produção do teatro ocidental. De algum modo, olhar para iniquidade das dinâmicas laborais da

produção teatral nos permite observar um modelo de desigualdade como reflexo social; **Andréia de Souza** (BRA) relata alguns de seus processos artísticos, no qual a temática da sustentabilidade foi pensada sob a perspectiva da cosmovisão ecológica, com enfoque na valorização da cultura popular brasileira.

Nos artigos que integram a seção de fluxo contínuo desta edição, temos **Nicole Koutsantonis** (BRA), que analisa o processo de criação do vídeo *Eidolon* (2020), conduzido pelas noções de sombra, duplo e fantasmagoria presentes no teatro de sombras, nos espetáculos de fantasmagoria, na animação de silhuetas no cinema e na linguagem videográfica, para evocar os efeitos de presença de corpos representados como imagem em telas iluminadas, projetadas e luminosas; **Leino Rei** (EST) apresenta panoramas de sua pesquisa que investiga a atual condição do Teatro de Formas Animadas nos países nórdicos e bálticos, sob o ponto de vista histórico e educacional, e suas perspectivas para o futuro. Ao final do artigo estão inclusas duas entrevistas realizadas pelo autor, uma com **Marek Waszkiel** (POL) e outra com **Yana Tumina** (RUS).

Os exercícios de análise antropológicos e sociológicos presentes nesta edição da revista advertem aos artistas sobre suas realidades circundantes, do mesmo modo que as ciências biológicas, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, abrem o campo de observação das ciências humanas para a compreensão da necessidade de religar as dinâmicas estruturais da humanidade com a natureza, para além do modelo cartesiano da modernidade. Tudo isso nos leva de volta a observar como as circunstâncias catastróficas nas quais transitamos influenciam nosso trabalho artístico. Muitos dos estudos apresentados nos encorajam a refletir e nos rebelar, como descreve HILL (2021, s. p. Tradução nossa):

contra o darwinismo social, que apresenta a concorrência capitalista como se fosse uma determinação biológica, e contra o determinismo tecnológico, que afirma que as forças técnicas definem as formas de cultura humana (doutrinas que ressurgiram com o neoliberalismo e a ascensão do Vale do Silício).¹⁵

¹⁵ “Contra el darwinismo social, que presenta la competencia capitalista como si se tratara de una determinación biológica, y contra el determinismo tecnológico, que afirma que las fuerzas técnicas definen las formas de la cultura humana (doctrinas que resurgieron con el neoliberalismo y el ascenso de Silicon Valley).”

Competição, predação, parasitismo ou simbiose e cooperação são formas pelas quais se verificam as relações em termos ecológicos, seja entre indivíduos de uma mesma população ou de todo um ecossistema. Cabe-nos, por meio desse número da revista, refletirmos em que medida essas relações são apontadas nas nossas escolhas, nas nossas dramaturgias, nas nossas poéticas e nos nossos fazeres enquanto categoria.

Esperamos que essas provocações instiguem não apenas as questões aqui levantadas, mas que abram novas indagações e problemáticas em diferentes perspectivas dentro da temática proposta.

Referências

BARBOSA, Liduina e SILVEIRA, Andreia. Representações do conceito de Ecologia: análise de livros didáticos e concepção de alunos de Ciências Biológicas. In: **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.7, n.1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/2577>. Acesso em 13/12/ 2021.

CALIXTO, Bruno. O que é o antropoceno, a época em que os humanos tomam conta do planeta. **Revista Época**. 18/12/2015, atualizado em 01/11/2016. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/colunas-e-blogs/blog-do-planeta/noticia/2015/12/o-que-e-o-antropoceno-epoca-em-que-os-humanos-tomam-controle-do-planeta.html>. Acesso em 17/12/2021.

FERREIRA, José Gomes. Homens do futuro. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/6523/homens-do-futuro>. Acesso em 8/12/2021.

HILL, Peter. Raymond Williams, un ecosocialista visionario. In: **Jacobin América Latina**, 31 ago. 2021. Disponível em: <https://jacobinlat.com/2021/08/31/raymond-williams-un-ecosocialista-visionario/>. Acesso em 13/12/2021.

Indicadores Brasileiros para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Site do Governo Federal do Brasil. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br/home/agenda>. Acesso em 13/12/2021.

KRENAK, Ailton. Ecologia Política. **Ethnoscintia Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia**. V. 3, no. 2. UFPA, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscintia/article/view/10225>. Acesso em 13/12/2021.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Site do Governo Federal do Brasil. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/arquivos/documentos/clima/20160119ODS.pdf>. Acesso em 13/12/2021.

SANTOS, Inês Reis. **Os pais da Ecologia.** Site da Sociedade Portuguesa de Ecologia (SPECO). Revisão e contribuição de Maria Amélia Martins-Loução. Disponível em <https://www.speco.pt/pt/recursos/pedagogicos/os-pais-da-ecologia>. Acesso em 17/12/2021.

WILLIAMS, Raymond. Você é marxista, não é? In: **Recursos da esperança.** São Paulo: UNESP, 2014.